



REDE
TEMPO
BRASIL



Boletim do Tempo Presente - ISSN 1981-3384

Lendo Utopias latino-americanas: política, sociedade e cultura: resistência e protagonismo feminino

Maria Inês Pereira Schettino¹

Ao pensarmos em historiadoras latino-americanas, certamente nossa maior referência é a Profa. Dra. Maria Lígia Coelho Prado. Seus escritos traduzem a sensibilidade de uma mulher que, envolvida com a pesquisa histórica lança um olhar além do seu tempo para as questões que perpassa a América Latina. Nas linhas de suas obras é possível sentir o pulsar do comprometimento enquanto pesquisadora, uma vez que, durante décadas inspirou, motivou e orientou muitos daqueles que hoje se dedicam ao estudo das Américas.

Sua trajetória é marcada, sobretudo por uma série de livros que foram referência nos estudos de várias gerações, em especial o apresentado nesta resenha que marca a comemoração do seu octogésimo aniversário. Durante decênios desenvolveu seus estudos na Universidade de São Paulo (USP), ultrapassando as dificuldades dos primórdios do estudo de História da América. Atuando brilhantemente como docente, orientou várias pesquisas de mestrado e doutorado, estendendo seu legado nos escritos que hoje são referência para estudos *a posteriori*.

Seu profissionalismo é reconhecido não só no Brasil, mas também em outros países. Entre os anos de 1987 e 1995 realizou conferências acadêmicas nos Estados Unidos nas Universidades de Stanford, Brown e Nova York. Nos anos de 2007 e 2010, foi coordenadora do projeto “Cultura e política nas Américas: circulação de ideias e configuração de identidades – séculos XIX e XX”, onde reuniu vários pesquisadores impulsionando pesquisas de relevância para os estudos da América. É notório que a professora Maria Lígia fez e faz a diferença na vida de diversos estudantes do Brasil. Ultrapassando os limites da USP, muitos graduandos de outros estados puderam sentir a partir de seus livros a originalidade e singularidade de suas palavras, onde cada voz dada aos seus escritos era como sementes lançadas às futuras pesquisas em diversas áreas do campo da historiografia. Muitos não tiveram o contato direto com a professora, porém o impacto do seu trabalho foi sentido em locais longínquos onde reverberou em um movimento de impulso para aqueles que desejavam seguir a carreira acadêmica ou se dedicar as pesquisas nos diversos campos da América Latina.

Os estudantes que tiveram e têm um contato mais direto com Maria Lígia, sempre expressam sua gratidão e carinho por tamanho profissionalismo, seja nas aulas de graduação, na pós-graduação ou nos eventos, como ocorrido recentemente organizado pela ANPLAC -2022 (Associação Nacional de Pesquisadores (as) e Professores (as) de História das Américas), que foi transmitido através de seu canal do YouTube, onde na ocasião muitos professores destacaram o quão frutuoso foram os aprendizados nesses anos de convivência com Prado. Vale ressaltar que, em parceria com a professora Maria Helena Capelato e outros historiadores fundaram a ANPLAC, em 1982, da qual foi presidenta (1998-2000) e participou da fundação do LEAH- Laboratório de Estudo de História das Américas do Departamento de História no ano de 2011. No ano de 2012, como reconhecimento do seu magnífico trabalho junto à comunidade acadêmica, a Universidade de São Paulo lhe outorgou o título de Professora Emérita.

Sua obra “Utopias latino-americanas: políticas, sociedade e cultura” é um inolvidável e celebrativo marco, não somente ao que tange ao mundo acadêmico, mas o que toca o conteúdo

LENDO UTOPIAS LATINO-AMERICANAS: POLÍTICA, SOCIEDADE E CULTURA:
RESISTÊNCIA E PROTAGONISMO FEMININO

SCHETTINO, M. I. P.

vida, a partir da sua generosidade ao convidar autores (as) e co-autores (as), para compor os 22 artigos que integram o livro.

A densidade dos escritos parte das primeiras reflexões que podem ser visualizadas não só nos cinco grandes blocos da obra, sendo eles: Utopias étnico-raciais e de gênero; Utopias do Conhecimento; Utopias, representações e imaginários; Utopias políticas e Utopias da integração e da identidade latino-americana, mas na predominância de mulheres pesquisadoras na autoria dos artigos. Nos laços que unem as mais diversas investigadoras, na valorização e compartilhamento dos seus trabalhos, podemos conclamar que a sororidade não é utopia! Antes as mulheres eram seres do silêncio, hoje muitas lutam por um lugar de fala, seja no trabalho, nas pesquisas, nas Universidades, no lar, nas famílias, nos clubes, nas comunidades, nas escolas, nas ruas ou em movimentos sociais. A resistência também se faz em seus registros.

O primeiro bloco tem como texto de abertura a produção de Maria Lígia Prado e Romilda Costa Motta, onde as estudiosas resgatam a história das mulheres latino-americanas que vencem o patriarcado imposto a partir de lutas e resistência. A inventividade e coragem para as adversidades são a marca registrada da mulher latina que traz nas lutas diárias o desejo de uma sociedade mais justa e igualitária. Os demais textos caminham por histórias em Cuba, Colômbia, Argentina e Brasil, onde autores como Stella Maris Scatena Franco, Gabriel Passeti, Flávio Thales Ribeiro Francisco e Tânia da Costa Garcia, abordam questões de gênero, resistências indígenas e movimentos negros. Os textos de abertura do livro nos remetem ao mundo dos invisibilizados, entre eles a mulher latino-americana e cada artigo contempla a atuação feminina nas entrelinhas dos processos narrativos.

O segundo bloco mais uma vez é encabeçado por uma mulher onde traz a temática “Utopias do conhecimento”, no qual contempla o processo educacional, que muito se alinha às ideias de Maria Lígia com co-autoria de Valdir Santos. A educação enquanto pública, laica e parte da política nacional na Colômbia, é tema deste valioso artigo, que dialoga com a realidade de nosso país, em tempos de uma educação decadente e tão cerceada, seja na formação de profissionais, no incentivo as estudantes, pois muitos não desejam seguir a carreira no magistério, vide o baixo índice de matrículas no Curso Normal, antigo Formação de Professores. Seja no investimento de insumos para pesquisa nas Universidades e até mesmo no corte da merenda dos seguimentos da Educação Básica, o governo atual vem fazendo um desmonte na educação pública em nosso país a partir de ministros sem preparo e sem formação para exercer tal cargo.

Os demais textos são de autorias de Marta Almeida, Marcos Cueto e Gabriella Pelegrino Soares, que ampliam o olhar para o conhecimento científico na América Latina nos séculos XIX e XX. Nesses artigos são enfatizados a América Central, que tem assumido relevância no que diz respeito às pesquisas historiográficas, além do México e Peru, que possuem uma maior expressividade nos estudos acadêmicos. São debates que envolvem etnografia, antropologia e arqueologia. “Serpenteando” pelo continente latino-americano a temática chega do Brasil no contexto histórico-sanitário com a personagem de Carlos Chagas. O bloco findado com o texto de Camilo de Melo Vasconcellos e Willian Affonso López Rosas, que trazem a o “Museu e memória em tempos de guerra na Colômbia”, o massacre de *El Salado* e a violência disseminada no terror, que ilustra a estratégia político militar sobre a população, nesse caso, não só homens, mas também mulheres, idosos e crianças. É possível perceber a situação das mulheres como afirma os autores:

O Coletivo, então com o acúmulo de depoimentos, construídos a partir de entrevistas elaboradas na intimidade e profundidade, decidiu começar a organizar reuniões muito limitadas, nos quintais, nos jardins das casas de Montes Maria, que rapidamente se direcionava, a partir de linhas pedagógicas para o acesso aos direitos que as vítimas tinham, e principalmente as mulheres que haviam sido submetidas a algum tipo de

*LENDO UTOPIAS LATINO-AMERICANAS: POLÍTICA, SOCIEDADE E CULTURA:
RESISTÊNCIA E PROTAGONISMO FEMININO*

SCHETTINO, M. I. P.

abuso sexual. Elas também criaram técnicas para apoiar emocional e coletivamente as testemunhas, uma vez que, no contexto sombrio vivido, era muito difícil falar sobre as experiências terríveis pelas quais haviam passado.^{II}

O terceiro bloco é composto com textos escritos por Barbara Weinstein, Patrícia Funes, Júlio Pimentel e Carlos Alberto Sampaio Barbosa, cujo título é “Utopias, representações e imaginários”. Aqui buscou fontes como textos jornalísticos, literários e fotográficos com profundas reflexões sobre a inserção entre notícia, arte e compreensão das representações contemporâneas. Discutindo os argumentos sobre como o poder das letras e das imagens podem inspirar os mais diversos sentimentos, os textos apontam questões de desigualdade social, conflitos e a utopia da latino-americana por meio da língua e das artes.

Abrindo os escritos no quarto bloco temos mais uma mulher de representatividade, a professora Maria Helena Capelato, pesquisadora aguerrida e comprometida com a docência, relata o governo de Salvador Allende no Chile, cujo destino do mesmo foi trágico a partir de sua morte no *Palácio de La Moneda*, sede do governo e na instauração da ditadura militar no país. É sabido que o Chile é um país historicamente patriarcal, com marcas efetivas de divisões de gênero e forte opressão sob a cidadã chilena. Nesse período ditatorial o autoritarismo irá reforçar essa condição da mulher em um discurso machista e conservador estabelecendo que a missão das mulheres para o sucesso do governo era educar os filhos de maneira patriótica de acordo com a ideologia do regime. Na sequência o texto de Luiz Felipe Viel Moreira que aponta questões das políticas neoliberais na América Central. Tereza Maria Spyer Dulci, apresenta os indígenas e as articulações dos movimentos sociais e por fim a jornalista Sylvia Colombo que analisa os governos de Maduro e Chávez na Venezuela.

Finalizando os blocos de texto, no quinto e último temos mais uma vez a presença marcante de mulheres na escritura do mesmo, como as pesquisadoras Mary Anne Junqueira, Kátia Gerab Baggio, Regina Aída Crespo e o pesquisador José Luiz Beired. Com a temática “Utopias da integração e da identidade latino-americana” os historiadores trazem reflexões e questionamentos a respeito de como a questão identitária perpassa pelo imaginário de lendas da historiografia como Simon Bolívar.

Ao findar a leitura é possível perceber o comprometimento de pesquisadoras e pesquisadores com os registros que endossam a História da América Latina. Que as mulheres sejam parte dos estudos latino-americanos e que seu reconhecimento na historiografia não seja uma utopia.

Notas

^I Mestranda em História Política- PPGH- UERJ. Professora da SEEDUC-RJ.

^{II} (PRADO, 2021, p. 169).

Referência bibliográfica:

PRADO, Maria Lígia. Utopias latino-americanas: políticas, sociedade e cultura. São Paulo: Contexto, 2021. 416p.